



A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHANTE NO PROCESSO DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR

DAYANE CRISTINE CORDEIRO SILVA, DHEWSLA APARECIDA PASSARINHO MOREIRA; LAIS AVELAR RORIGUES

RESUMO

Diante de um adoecimento e conseqüente internação hospitalar o paciente pode vivenciar diversos sentimentos, como angústia, medo e ansiedade por estar inserido em um ambiente considerado hostil, além da necessidade de afastamento de sua rotina anterior. Durante o processo de internação torna-se de grande importância ter alguém ao lado do paciente, servindo de companhia e apoio. Porém, muitas vezes os sentimentos de medo, ansiedade, insegurança também pode ser mobilizados no acompanhante do paciente pela falta de apoio e atenção da equipe de saúde hospitalar. Assim, o objetivo deste estudo foi avaliar a importância do acompanhante no processo de internação hospitalar, através da análise deste papel de acompanhante. Além de contribuir também para uma maior compreensão das dificuldades vividas por esses acompanhantes no contexto hospitalar. Foi realizada um levantamento bibliográfico qualitativo de 17 artigos acadêmicos que abordam a temática. Verificou-se que a presença do acompanhante é de extrema importância para a recuperação do paciente, os que não possuem acompanhante podem ser pouco cooperativos nos exames e procedimentos de saúde, além de apresentarem hostilidade com a equipe de saúde. Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam que o acompanhante atua como coadjuvante, diretamente ligado ao processo de recuperação. Além de auxiliar nos cuidados com higiene e alimentação, também colabora para ofertar segurança, apoio e afetividade ao paciente, tornando melhor a estadia de ambos no período de internação. A pesquisa também destacou as dificuldades que esses acompanhantes podem enfrentar, como necessidade de abandonar seu lar, sua família e sua rotina. Podem enfrentar dificuldades financeiras se houver a necessidade de abandono do emprego, além de precisar lidar com o desafio da falta de comunicação com a equipe, rotina rígida estabelecida pelo hospital e acomodação precária que muitas vezes se encontra o ambiente hospitalar. Portanto, diante disso, é notável a importância da escuta e acolhimento psicológico voltado aos acompanhantes dentro da instituição hospitalar, já que a presença deste é essencial para o tratamento do paciente, proporcionando assim bem-estar para pacientes e acompanhantes.

Palavras-chave: Importância; psicologia; hospital; acompanhante.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o estudo de Guarnieri e Pio (2018), ao se deparar com uma situação de adoecimento e conseqüente hospitalização o paciente pode se deparar com diversos impactos psíquicos como por exemplo: a necessidade de se adaptar a um meio hostil que é o hospital, com suas rotinas rígidas e onde o sujeito perde a sua liberdade de ir e vir; o temor que o diagnóstico recebido traz, o temor da ameaça à autoimagem e a integridade física do paciente

que o adoecimento pode trazer, além do próprio temor da morte. Ao ser hospitalizado, o paciente se depara com a perda do controle sobre si e sobre o ambiente em que está inserido, e isso pode trazer diversos sentimentos e emoções, como o medo, a insegurança, a impotência, a ansiedade, a angústia e a solidão.

Diante desse cenário torna-se imprescindível o paciente ter ao seu lado alguém que lhe transmita força e que lhe sirva de apoio. Podendo ser a companhia de um familiar, um amigo ou até mesmo um vizinho. Segundo a política do Humaniza SUS (2007), ter um acompanhante possibilita ao paciente um maior suporte emocional, auxilia na diminuição da preocupação e ansiedade que a hospitalização traz, além de impulsionar a identidade e autoestima do paciente. Também foi possível considerar que a presença do acompanhante influencia de modo positivo o decorrer do tratamento, com grandes possibilidades de sucesso.

Entretanto, os sentimentos negativos como a ansiedade, angústia, medo e insegurança também podem ser vivenciados pelos acompanhantes. O que pode ocorrer pela dificuldade da equipe de saúde em oferecer atenção e apoio também para este acompanhante. Guarnieri e Pio (2018), afirmam em seu estudo que a equipe de saúde presume que o papel do acompanhante é de alguém que deve ajudar nos cuidados com o paciente, sem reclamar e sem atrapalhar. Porém, ao utilizar desse pensamento, os profissionais não levam em consideração todos os impactos emocionais e as situações que o acompanhante está tendo que enfrentar, pois ele também está vivenciando a mesma situação estressante e angustiante do paciente, e portanto, também necessita de cuidados.

Pena e Diogo (2005), destacam em seu estudo que a função do acompanhante não é de ser ajudante da equipe de saúde, mas proporcionar ao paciente acolhimento, atenção, cuidado e companhia. Entretanto, o estudo destaca a importância desse acompanhante ter uma boa relação com a equipe de saúde, afim de colaborar para que a estadia de ambos seja a melhor possível ao levar para os profissionais de saúde as informações pertinentes do paciente que podem auxiliar no desenvolvimento do plano de tratamento.

Diante disso, o estudo de Rodrigues Sudário e colaboradores (2018) afirma que o psicólogo possui uma função essencial neste contexto, onde o mesmo deve atuar como mediador dos medos e ansios da díade de cuidado (paciente e acompanhante), colaborar com a atuação da equipe de saúde, além de visar a humanização da própria equipe que precisa compreender a importância do acompanhante diante do contexto hospitalar. O quanto este acompanhante traz benefícios ao tratamento ao proporcionar companhia, atenção e fortalecimento da identidade do paciente. Possibilitando assim a minimização do sofrimento causado pelo adoecimento e consequente hospitalização.

Deste modo, o objetivo deste estudo foi avaliar a importância do acompanhante no processo de internação hospitalar, através da análise deste papel de acompanhante. Além de contribuir também para uma maior compreensão das dificuldades vividas por esses acompanhantes no contexto de adoecimento e hospitalização, onde diversas vezes as instituições hospitalares não possuem um preparo para receber esses acompanhantes por conta das expectativas que há sobre a função de cada um no contexto hospitalar.

Diante desse entendimento, tornou-se mais evidente a necessidade do estudo dessa temática, o quanto o adoecimento mobiliza diversas vivências, frustrações, arrependimentos, preocupações e sentimento de culpa nos acompanhantes e familiares. Sendo assim, a atuação do psicólogo no contexto hospitalar também se refere à mediação na tríade de comunicação paciente-acompanhante-equipe, além de acolher esses sujeitos visando trazer um sentimento de maior tranquilidade e bem-estar no processo de hospitalização.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se dá através da leitura, análise e

interpretação de dados de documentos diversos, como livros e artigos científicos que são realizados a partir de um recorte temporal e criterioso com base na linha de pesquisa.

Para o presente trabalho optamos em realizar uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo a partir de um levantamento na base de dados através do Google Acadêmico, os artigos foram selecionados de forma aleatória, seguindo assim alguns critérios de inclusão: artigos de revisão publicados no período de 2000 a 2022, que englobavam as seguintes palavras-chaves: psicologia; acompanhante; hospital; importância. Foram selecionados artigos em qualquer idioma, para apreciação de um levantamento completo.

Foram excluídos os artigos que não apresentavam as relações entre o papel do acompanhante, a internação hospitalar e a psicologia. A utilização das palavras-chave auxiliou na tarefa de seleção dos artigos, além de ser valer-se dos critérios de inclusão/exclusão durante o processo de leitura do título e resumo do artigo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação da metodologia e dos critérios de elegibilidade, foram encontrados 16.400 (dezesesseis mil e quatrocentos) resultados através do levantamento na base do Google Acadêmico, sendo escolhidos de forma aleatória somente 17 (dezessete) artigos, que melhor se enquadravam a pergunta norteadora: "Qual a importância do acompanhante no processo de internação hospitalar?".

Segundo o estudo de Szareski, Beuter e Brondani (2010), os pacientes que não tem acompanhante podem ser pouco cooperativos nos exames e procedimentos de saúde, além de apresentarem hostilidade com a equipe de saúde. Com isso, podemos observar que a presença do acompanhante pode trazer para o paciente certo conforto e alívio, pois estar com alguém de sua familiaridade pode melhorar o seu humor e minimizar o sofrimento que a hospitalização causa.

O estudo de Lustosa (2007) observa que o adoecimento conta com diversos aspectos psicológicos, como ansiedade, medo, preocupação, além da necessidade de se afastar da rotina estabelecida anteriormente com a adição de ser inserido em um ambiente considerado hostil com todas as suas rígidas características. Diante da internação, ocorre o impacto na família e a mesma pode vir a desestruturar-se diante de tantas mudanças que passam a ser necessárias. Além de poder surgir a angústia e temor pela morte.

Diante da internação o paciente vivencia diversos sentimentos, pode sentir aflição por ter que se afastar de sua casa e abandonar a sua rotina, e o mesmo pode ocorrer com o acompanhante ao se deparar com a necessidade de estar com esse paciente, se presentificando e auxiliando nos cuidados enquanto durar o período de hospitalização. Diante disso, é possível observar que assim como o paciente, o acompanhante também se depara com dificuldades diante da situação de adoecimento de um membro familiar.

Menossi, Zorzo e Lima (2012), afirmam em seu estudo que a vivência do adoecimento e consequente internação hospitalar é singular e subjetiva, porém há cenários em comum entre os atores que atravessam essa experiência. De acordo com os estudos de Santos e Caregnato (2013); Passos e colaboradores (2015); Beuter e colaboradores (2012); Bicalho, Lacerda e Catafesta (2008); e Milanesi e colaboradores (2006), o impacto que o adoecimento causa e a necessidade de estar inserido em um ambiente hospitalar pode acarretar em sentimentos diversos como o medo, solidão, estresse, angústia, insegurança, entre outros, que podem surgir e desestabilizar psicologicamente o paciente e seus familiares.

Segundo o estudo de Da Vitória e De Assis (2015) destaca a necessidade dos acompanhantes também precisar enfrentar mudanças em sua rotina para desempenhar esse papel de acompanhante. Muitas vezes precisam deixar o seu lar, seus familiares e até o seu emprego quando não há com quem dividir as múltiplas tarefas pessoais. Ao se deparar com a

necessidade de abandonar o emprego, podem surgir dificuldades financeiras na família por conta da renda principal ficar restrita. Nesses casos o acompanhante pode experimentar preocupações e estresse permanente.

No que concerne aos desafios que o acompanhante precisa enfrentar diante desse contexto hospitalar, os estudos de Bertoglio, Escher e Petersen Cogo (2008); Prochnow e colaboradores (2009); e Neves e colaboradores (2018), afirmam que o acompanhante pode vivenciar desafios em relação a estrutura hospitalar, como a falta de assentos adequados para o sono e repouso, o que pode acarretar em dores, inchaço, perda ou ganho de peso que podem ser associados a um repouso ineficiente. Além de poder enfrentar problemas de comunicação com a equipe de saúde, que não repassam aos familiares informações de forma clara e humanizada, pela dificuldade que a equipe de saúde pode ter em lidar com esses sujeitos no processo de internação hospitalar. Essas situações podem gerar um empecilho para a equipe de saúde conseguir estabelecer vínculo com o paciente e seu acompanhante, colaborando assim para que os mesmos fiquem repletos de dúvidas sobre os procedimentos e exames realizados, o que pode gerar preocupação, medo e ansiedade.

Shiotsu e Takahashi (2000) analisam em seu estudo os benefícios que o acompanhante pode trazer ao paciente, ao estar ao seu lado compartilhando de todo o processo, dando apoio, cuidado e superando junto com o paciente os desafios que são impostos pelo adoecimento e hospitalização. Estabelecer um bom vínculo com o acompanhante é essencial para que haja uma boa comunicação entre a equipe de saúde e a díade de cuidado (paciente e acompanhante), pois o acompanhante tem um acesso mais facilitado ao paciente para que o mesmo fale sobre suas queixas e o acompanhante repasse as informações pertinentes para a equipe.

Dentro dessa perspectiva, os estudos de Moreira e colaboradores (2012); Da Vitória e De Assis (2015); e Shiotsu e Takahashi (2000) observam a importância de haver uma boa relação entre a tríade paciente-acompanhante-equipe, pois contribui significativamente na evolução do processo de tratamento do paciente, uma vez que a equipe de saúde é vista de modo positivo quando estabelece uma comunicação com a díade de cuidado. A equipe de saúde ao adotar uma postura de reconhecimento da importância do papel do acompanhante nesse cenário hospitalar que mobiliza sofrimentos e angústias, torna a estadia do paciente e acompanhante mais humanizada e colabora para que os sofrimentos desses sujeitos sejam vivenciados com menos impactos psicológicos.

Diante disso, é possível analisar que a atuação do psicólogo também é voltada para o manejo da comunicação da tríade paciente-acompanhante-equipe. Visando promover acolhimento, apoio e segurança para o paciente e seu acompanhante, e assim, minimizar o sofrimento causado pela hospitalização. Moreira e colaboradores (2012, p.154) discorrem em seu estudo o papel do psicólogo também:

[...] direcionado para a família dos pacientes, pois promove um maior contato desta com o paciente e com os médicos, dá informações e orientações sobre o quadro clínico do paciente, tira dúvidas, dá segurança, transmite tranquilidade, trabalha o emocional da família e acolhe as ansiedades.

No estudo de Rodrigues Sudário e colaboradores (2018), foi identificado o dado "sexo feminino" sendo apontado como um indicativo que a mulher acaba desempenhando mais o papel de cuidado e acompanhamento, se comparado aos homens. Pois em nossa sociedade a figura feminina é tida como alguém que oferece suporte e apoio ao próximo, principalmente em situações onde há problemas relacionados à saúde. Assim, cabe a mulher desempenhar o papel de cuidar, tanto no sentido físico quanto emocional. Conforme o estudo em discussão afirma, as questões de cuidado são constituídas socioculturalmente e este papel acaba sendo atribuído ao gênero feminino, e assim se tem dado pouco lugar a compreensão do cuidado na perspectiva masculina.

Deste modo, no estudo de Euzébio e Rabionovich (2006), foi possível observar que a

maioria desses acompanhantes/cuidadores são mulheres, pois em nossa sociedade é atribuído ao papel feminino as funções de cuidar da casa, dos filhos e acabam também possuindo a obrigação de cuidar de algum familiar em situações de adoecimento. Além disso, Pena e Diogo (2005) afirmam que o desejo de cuidar surge de uma motivação interior específica, do vínculo estabelecido com a pessoa enferma e da natureza da própria atividade de cuidar. Demonstrando assim que paciência e afetividade são condições emocionais intrínsecas de ser cuidador.

Ademais, Silva, Bocchi e Bousso (2008) apontam a importância do acompanhante desejar exercer esse papel de cuidado, pois estar compartilhando deste processo de adoecimento e hospitalização com o paciente pode gerar uma interdependência emocional entre ambos, e portanto, haver uma boa relação entre acompanhante e paciente colabora para uma melhor estadia de ambos no hospital, além de potencializar o processo de tratamento do paciente.

Sendo assim, foi possível observar que é realmente significativa e fundamental a presença do acompanhante no processo de hospitalização. Nesse momento crítico que gera a paciente e família sofrimentos, angústias, incertezas, e tantos outros sentimentos. Diante disso, o acompanhante estará ofertando, além da companhia, amparo as necessidades físicas do paciente e apoio psicológico. Através da análise dos conteúdos foi possível verificar a evidência da importância do acompanhante em favor do restabelecimento da saúde do paciente, colaborando para que o paciente se sinta otimista, expressando sentimentos de esperança e alívio.

4 CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados durante o presente trabalho, é notável a importância do acompanhante, que se torna indispensável durante o processo de hospitalização. Também se concluiu que o sexo feminino é o mais frequente nos casos de acompanhamento, pois o papel social das mulheres, em sua maioria, está atrelado ao cuidar, tanto no âmbito da casa quanto no cuidado com os filhos. Na análise dos dados, não foi possível verificar o cuidado na perspectiva masculina, pois em sua maioria, o papel social do homem está atrelado ao sustento da casa e da família.

Ademais, a pesquisa demonstrou que durante o processo de hospitalização, quando o paciente possui acompanhante, este se sente mais confortável e confiante, além da presença do cuidador contribuir significativamente no processo de tratamento. A pesquisa também destacou as dificuldades que esses acompanhantes podem enfrentar como a falta de comunicação com a equipe, rotina rígida estabelecida pelo hospital e acomodação precária que muitas vezes se encontra o ambiente hospitalar.

Diante disso, podemos concluir que durante o processo de internação hospitalar, além dos pacientes, os acompanhantes também necessitam de acolhimento e escuta psicológica pois também compartilham com o paciente dos mesmos sentimentos e enfrentam diversos desafios. Buscando assim proporcionar uma melhor estadia durante o período de hospitalização, e minimizando os sofrimentos causados pelo adoecimento que impacta não somente o paciente, mas seu acompanhante e seus familiares.

REFERÊNCIAS

BEUTER, M., BRONDANI C.M., SZARESKI, C., CORDEIRO, F.R. e ROSO C.C. Sentimentos de familiares acompanhantes de adultos face ao processo de hospitalização. Esc Anna Nery [Internet]. 2012 Mar; 16(1):134-40.

BERTOGLIO ESCHER, R. e PETERSEN COGO, A. L. Os familiares de pacientes adultos hospitalizados: sua participação no processo de cuidar na enfermagem. Revista Gaúcha de

Enfermagem, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 242, 2008.

BICALHO, Cleide Straub; LACERDA, Maria Ribeiro e CATAFESTA, Fernanda. Refletindo sobre quem é o cuidador familiar. *Cogitare Enfermagem*, [S.l.], v. 13, n. 1, ago. 2008. ISSN 2176-9133.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). *HumanizaSUS. Visita aberta e direito ao acompanhante*. 2ª Edição. Brasília, DF: MS; 2007.

DA VITÓRIA, Aline Letícia e DE ASSIS, Cleber Lizardo. Vivências e estratégias de enfrentamento em acompanhantes de familiares hospitalizados em uma unidade hospitalar do município de Cacoal-RO. *Aletheia*. 2015, v. 46, pp. 16-33.

EUZÉBIO, C. J. V. e RABINOVICH, E. P. Compreendendo o cuidador familiar do paciente com sequela de acidente vascular encefálico. *Temas em psicologia*, Salvador, v. 14, n. 1, p. 63-79, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARNIERI, Ana C. e PIO, Danielle A. M. A presença do acompanhante na urgência. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*. 2018. Brasília, 11(4), pp. 41-57.

LUSTOSA, MA. A família do paciente internado. *Revista SBPH [Internet]*. 2007 Jun; 10(1):3-8.

MENOSSI, Maria José; ZORZO, Juliana Cardeal da Costa e LIMA, Regina Aparecida Garcia de. La dialogica vida-muerte en el cuidado al adolescente con cancer. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 20, p. 126-134, 2012.

MILANESI, Karina e colaboradores. Sofrimento psíquico da família de crianças hospitalizadas. *Revista Brasileira de Enfermagem [online]*. 2006, v. 59, n. 6 [Acessado 30 junho 2022], pp. 769-774.

MOREIRA, Emanuelle Karuline Correia Barcelos; MARTINS, Tatiana Milhomem e CASTRO, Marleide Marques de. Representação social da Psicologia Hospitalar para familiares de pacientes hospitalizados em Unidade de Terapia Intensiva. *Rev. SBPH, Rio de Janeiro*, v. 15, n. 1, p. 134-167, jun. 2012

NEVES, Letícia e colaboradores. O impacto do processo de hospitalização para o acompanhante familiar do paciente crítico crônico internado em Unidade de Terapia Semi-intensiva. *Escola Anna Nery [online]*. 2018, v. 22, n. 2

PASSOS, Silvia Silva Santos e colaboradores. O acolhimento no cuidado à família numa unidade de terapia intensiva. *Revista Enfermagem UERJ*, v. 23, n. 3, p. 368-374, 2015.

PENA, Silvana Barbosa e DIOGO, Maria José D'Elboux. Fatores que favorecem a participação do acompanhante no cuidado do idoso hospitalizado. *Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto*, v. 13, n. 5, Oct. 2005, p.663-669.

PROCHNOW AG; SANTOS JLG; PRADEBON VM; Schimith MD e colaboradores.

Acolhimento no âmbito hospitalar: perspectivas dos acompanhantes de pacientes hospitalizados. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre (RS) 2009, mar;30(1):p.11-18.

RODRIGUES SUDÁRIO, E. C.; SOUSA, B. M. G. e DUARTE, S. M. P. Atenção psicológica voltada aos familiares acompanhantes de pacientes hospitalizados. *Life Style*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 11–29, 2018.

SANTOS, Deise Godoes e CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. Familiares de pacientes em coma internados na unidade de terapia intensiva: percepções e comportamentos. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 15, n. 2, p. 487-95, 2013.

SZARESKI, C., BEUTER, M., e BRONDANI, C. M. (2010). O familiar acompanhante no cuidado ao adulto hospitalizado na visão da equipe de enfermagem. *Rev. Gaúcha Enferm.*, 31(4), 715- 722.

SHIOTSU, Celia Hiromi e TAKAHASHI, Regina Toshie. O acompanhante na instituição hospitalar: significado e percepções. *Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]*. 2000, v. 34, n. 1, pp. 99-107.

SILVA, Lucia; BOCCHI, Sílvia Cristina Mangini e BOUSSO, Regina Szyllit. O Papel da Solidariedade Desempenhado por Familiares Visitantes e Acompanhantes de Adultos e Idosos Hospitalizados. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2008 Abr-Jun; 17(2): 297-303.